Entre o quartinho e o berço de ouro: narrativas infantis e hierarquias sociais em *Solitária*, de Eliana Alves Cruz

Between the little room and the golden cradle: children's narratives and social hierarchies in *Solitary*, by Eliana Alves Cruz

Entre la habitación pequeña y la cuna dorada: narrativas infantiles y jerarquías sociales en *Solitaria*, por Eliana Alves Cruz

Larissa de Menezes Costa
https://orcid.org/0009-0003-8700-3668
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Rayron Lennon Costa Sousa
https://orcid.org/0000-0002-7052-0031
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como as narrativas infantis em *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, funcionam como dispositivos críticos que evidenciam a permanência da colonialidade nas relações sociais e espaciais marcadas pela desigualdade social no Brasil. Assim, a partir da personagem Camilinha, criança branca, filha dos patrões brancos e ricos, busca-se analisar os privilégios simbólicos e materiais em detrimento de crianças negras, como Mabel, filha de Eunice, que cresce confinada ao espaço do quartinho de empegada da mãe. A metodologia é básica, precedida de levantamento bibliográfico, a partir da análise-crítica qualitativa, tendo como *corpus* os capítulos *Quarto do bebê* e *Janela*, os quais contemplam marcas da trajetória das crianças moldadas pela lógica colonial que tende a organizar a branquitude como centro e a negritude como serviçal. O referencial teórico será guiado pelas categorias de decolonialidade, raça, desigualdade social, trabalho doméstico, com estudos de teóricos como Conceição Evaristo (2007), Lélia González (2020), Juliana Teixeira (2019), Luiz Cuti (2020), bell hooks (2019) entre outros. A partir da análise, intentamos demonstrar passagens em que a presença das crianças explicita a formação desigual de subjetividades, sobretudo nas cenas que envolvem a distribuição dos afetos, das ordens, dos espaços e das violências simbólicas estruturantes do cotidiano doméstico. Assim, buscaremos retratar, a partir de Camilinha e Mabel, como o romance contemporâneo produz uma contranarrativa sob o viés da decolonialidade, oportunizando discussões literárias e críticas por meio da consciência, da resistência e do lugar das personagens negras crianças na literatura brasileira.

Palavras-chave: Quarto de empregada. *Solitária.* Eliana Alves Cruz.

Abstract

This research aims to investigate how children's narratives in Eliana Alves Cruz's Solitária (2022) function as critical devices that highlight the persistence of coloniality in social and spatial relations marked by social inequality in Brazil. Thus, through the character of Camilinha, a white child, daughter of wealthy white employers, the study seeks to analyze the symbolic and material privileges enjoyed by Black children, such as Mabel, Eunice's daughter, who grows up confined to her mother's maid's room. The methodology is basic, preceded by a bibliographic survey, based on qualitative critical analysis, using as its corpus the chapters "Baby's Room" and "Window," which contemplate marks of the children's trajectories shaped by the colonial logic that tends to organize whiteness as the center and Blackness as subservient. The theoretical framework will be guided by the categories of decoloniality, race, social inequality, and domestic work, drawing on studies

by theorists such as Conceição Evaristo (2007), Lélia González (2020), Juliana Teixeira (2019), Luiz Cuti (2020), and bell hooks (2019), among others. Through analysis, we intend to demonstrate passages where the presence of children makes explicit the unequal formation of subjectivities, particularly in scenes involving the distribution of affections, orders, spaces, and the symbolic violence that structures daily domestic life. Thus, we will seek to portray, through Camilinha and Mabel, how the contemporary novel produces a counter-narrative from a decoloniality perspective, providing opportunities for literary and critical discussions through awareness, resistance, and the place of Black child characters in Brazilian literature.

Keywords: Domestic space. Solitary. Eliana Alves Cruz.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar cómo las narrativas infantiles en Solitária (2022) de Eliana Alves Cruz funcionan como dispositivos críticos que resaltan la persistencia de la colonialidad en las relaciones sociales y espaciales marcadas por la desigualdad social en Brasil. Así, a través del personaje de Camilinha, una niña blanca, hija de empleadores blancos adinerados, el estudio busca analizar los privilegios simbólicos y materiales de los que gozan los niños negros, como Mabel, hija de Eunice, quien crece confinada en la habitación de la empleada doméstica de su madre. La metodología es básica, precedida por una revisión bibliográfica, basada en un análisis crítico cualitativo, utilizando como corpus los capítulos "Habitación de bebé" y "Ventana", que contemplan las huellas de las trayectorias infantiles moldeadas por la lógica colonial que tiende a organizar la blancura como centro y la negritud como subordinada. El marco teórico se guiará por las categorías de decolonialidad, raza, desigualdad social y trabajo doméstico, basándose en estudios de teóricos como Conceição Evaristo (2007), Lélia González (2020), Juliana Teixeira (2019), Luiz Cuti (2020) y bell hooks (2019), entre otros. Mediante el análisis, pretendemos demostrar pasajes donde la presencia de niños explicita la formación desigual de subjetividades, particularmente en escenas que involucran la distribución de afectos, órdenes, espacios y la violencia simbólica que estructura la vida doméstica cotidiana. Así, buscaremos retratar, a través de Camilinha y Mabel, cómo la novela contemporánea produce una contranarrativa desde una perspectiva decolonial, brindando oportunidades para discusiones literarias y críticas a través de la conciencia, la resistencia y el lugar de los personajes infantiles negros en la literatura brasileña.

Palabras clave: Habitación de la criada. Soledad. Eliana Alves Cruz.

Introdução

A produção literária negro-brasileira, a qual se posiciona como um campo necessário para a compreensão e para o enfrentamento de questões sociais complexas e contemporâneas relacionadas às dimensões da raça, de gênero e de classe social, como é o racismo estrutural, o racismo cotidiano, dentre outras formas de opressão, se mostra uma potência como instrumento de crítica, denúncia e transformação social através da leitura literária.

Nesse contexto, a obra *Solitária* (2022)*,* de Eliana Alves Cruz, presentifica como a subalternidade de empregadas domésticas, o silenciamento de *não-crianças*, ou seja, crianças que têm a infância negada, a violência contra corpos negros, é capaz de conectar a ficção literária à realidade social, a partir da abertura contemporânea resultado da insubmissão autoral de negros e negras desde o século XIX, ao retomarmos Maria Firmina dos Reis.

O romance, dividido em três partes: *Mabel*, *Eunice* e *Solitárias,* constrói um panorama das experiências de personagens marcadas por desigualdades estruturais. Entre

elas, destacam-se Mabel, criança negra e filha da empregada doméstica Eunice, e Camilinha, criança branca pertencente à família empregadora. A partir dessas personagens, o romance explicita como o espaço doméstico opera como lugar de confinamento, vigilância e invisibilidade.

Assim, com o fito de discutir acerca desses ambientes confinadores e de exclusão racial frente à infância no romance, tem-se, como objetivo geral, investigar como as narrativas infantis em *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, funcionam como dispositivos críticos que evidenciam a permanência da colonialidade nas relações sociais e espaciais marcadas pela desigualdade social no Brasil. Para tal, a análise partirá de objetivos específicos, sendo, portanto, identificar a construção crítica e analítica das personagens crianças Mabel e Camilinha a partir de suas vivências na narrativa; discutir como o romance subverte relações sociais marcadas pelo racismo e pela desigualdade social; refletir de que forma o romance contemporâneo produz contranarrativas sob o viés da decolonialidade.

A metodologia é básica, precedida de levantamento bibliográfico, a partir da análise-crítica qualitativa, tendo como *corpus* os capítulos *Quarto do bebê* e *Janela*, os quais contemplam marcas da trajetória das crianças moldadas pela lógica colonial que tende a organizar a branquitude como centro e a negritude como serviçal. Assim, para tal feito, tem-se, como aporte teórico, autores como Conceição Evaristo (2007), Lélia González (2020), Juliana Teixeira (2019), Luiz Cuti (2020), bel hooks (2019), entre outros teóricos que discutem acerca da literatura negro-brasileira.

Por fim, neste artigo buscamos investigar como as narrativas infantis em *Solitária* funcionam como dispositivos críticos que evidenciam a permanência da colonialidade nas relações sociais brasileiras. Especificamente, busca-se analisar a construção das personagens crianças, discutir as desigualdades que atravessam suas experiências e refletir sobre a produção de contranarrativas no romance contemporâneo.

Assim, discutiremos acerca da importância da literatura negro-brasileira a partir da categoria de *Escrevivência*, teoria criada por Conceição Evaristo, a fim de compreender como tal escrita é capaz de denunciar e escancarar o racismo estrutural presente nas relações a partir de obras ficcionais, como *Solitária* que escancaram a não-infância de crianças negras.

Por fim, analisaremos os capítulos *Quarto do bebê* e *Janela*, como direcionamentos da narrativa que evidencia a exclusão social e o apagamento de infâncias, a exemplo da infante Mabel que reside no apartamento de luxo dos patrões de sua mãe, Eunice, o Golden

Plate, localizado em um bairro nobre. Mabel, muitas vezes, ainda criança, tivera que desenvolver atividades domésticas como uma espécie de continuidade dos serviços prestados por sua mãe, Eunice.

Portanto, a discussão crítica e analítica da vivência da infância de Camilinha, criança branca que vive em um berço de ouro, em detrimento da não-infância de Mabel, a qual reside no quartinho de empregada. Assim, no romance *Solitária*, a dualidade dessas infâncias surge com a pretensão de refletir o potencial social e denunciativo da literatura negro-brasileira, pois, a partir de discussões acerca da infância de crianças negras, pode surgir como instrumento de resistência, denúncia e (re)construção de epistemologias outras.

1. A literatura negro-brasileira e *Escrevivência* como prática de resistência

A literatura negro-brasileira ultrapassa a dimensão estética e se constitui como um espaço de elaboração de experiências históricas, emocionais e políticas. Assim, essa produção articula memória, identidade e denúncia social, haja vista o viés denunciativo a partir das marcas do racismo e da exclusão.

Para fins de entendimento acerca da literatura negro-brasileira, a partir de discussões contemporâneas, entende-se, conforme Cuti, em *Literatura Negro-Brasileira* (2010), que

> A literatura nos traz a história emocionada, não apenas a informação fria do historiador, mas a possibilidade de experimentarmos sensações e emoções de que as personagens ou os "eus" líricos são dotados na obra. Assim, os escritores negro-brasileiros vão se posicionar também no tempo para instaurar no seu trabalho o ponto de enfoque literário. Sem dúvida, os temas derivados do enfrentamento com o racismo, o preconceito e a discriminação racial são muito importantes para a literatura negro-brasileira, pois constituem reações internas de forte carga emocional capazes de dinamizar a linguagem rumo a uma identidade no sofrimento e na vontade de mudança. A literatura, além de técnica, exige energia vivencial (Cuti, 2010, p. 39).

Dito isso, conforme narrado pelo autor, a literatura negro-brasileira constitui linguagem, emoções, sensações, experiências do historiador, de quem narra, quase como um enviesamento de *Escrevivências* cunhado por Conceição Evaristo, por isso, tal narrativa, muitas vezes, é objeto de análise e de estudo como uma reflexão da realidade, como uma oportunidade de tensionar espaços subalternos do meio social que são discutidos em romances, como é o caso da obra *Solitária*, haja vista que, por ser forjada nessa encruzilhada

entre o pessoal-biográfico-autoral e o político-comunitário-social é que a escrevivência revisita, sob novos vieses, as fronteiras entre real e ficção. (Miranda, 2019)

Refletiremos, portanto, como a corporificação dessas tensões são causadas no romance, pois, Eunice e Mabel vivenciaram o silenciamento do quartinho de empregada, bem como a vivência de uma não-criança negra invisível no ambiente confinador do apartamento dos patrões. Assim, nessa perspectiva de exemplificar marcas da *escrevivência*, pontua-se, no romance, trechos que ratificam essa categoria,

> [...] D. Eunice estava tão esbaforida e apavorada que praticamente me jogou no quarto, tirou da mochila alguns brinquedos que trouxemos, ligou a televisão em um desenho animado, repetiu que eu não deveria sair dali por nada e voltou apressada para falar com a patroa. Ela trabalhava lá havia pouco tempo, e eu estava estreando no elegante imóvel de cobertura, que tomava um andar inteiro no bairro mais chique da cidade. Encostei o ouvido na porta para tentar escutar o que diziam, mas ouvia apenas frases entrecortadas. "Por que não entrou pelo fundo? Sou eu quem tem que abrir a porta pra você?" "Assim fica complicado, Eunice…" "É só por hoje, d. Lúcia, é que…" "… mas eu te falei que…" (Cruz, 2022, p. 16).

A partir dessa passagem, observa-se como o romance denuncia a estrutura violenta das relações empregatícias marcadas por hierarquias raciais e de classe. Eunice, mulher negra, não dispõe de alternativas para o cuidado de sua filha e é forçada a levá-la ao espaço de trabalho — um ambiente que a exclui e a silencia. Assim, o "quartinho" torna-se um símbolo da exclusão e da invisibilidade social.

Além disso, a reação da patroa diante da entrada de Eunice pela "porta da frente" do apartamento escancara o racismo estrutural que permeia essas relações, haja vista o incômodo revelado na frase "Sou eu quem tem que abrir a porta pra você?" o qual expõe não apenas a resistência em reconhecer a humanidade da trabalhadora, mas também a manutenção de um *Pacto da Branquitude*, que impede qualquer gesto de equidade, conforme narra Cida Bento: "Os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território. [...]" (Bento, 2022, p. 53).

O romance contemporâneo mostra, pela experiência de Eunice como empregada doméstica negra, como o silêncio e a invisibilidade marcam a vida de quem ocupa esses espaços de subalternidade. Portanto, Mabel, enquanto não-criança, é obrigada a conter risos e brincadeiras para ser apenas "tolerada" no apartamento dos patrões, o que traduz, de forma sensível, como o ambiente doméstico pode se tornar lugar de confinamento e apagamento. Assim, ao trazer essas vozes silenciadas, *Solitária* reafirma o papel da literatura negro-

brasileira como espaço de denúncia e reflexão, conforme preceituado por Cuti, o que se articula com a dimensão política que autoras negras têm destacado em suas produções.

A escrita literária negro-brasileira, que vem numa ascensão, especificamente nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do XXI, é fruto de intelectuais negras que, conforme Mirian Cristina dos Santos, em *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea* (2018, p. 324), é atravessada por um aspecto político que anseia por transformações na realidade. Portanto, a autora ratifica que a literatura negro-brasileira, sobretudo, a negrofeminina funciona como um lugar para repensar a realidade social em crise e, ainda mais, atuar como um espaço de reflexão para problematizar as relações sociais e culturais que têm perpetuado divisões de gênero e étnico-raciais ao longo da história do Brasil.

2. O berço de ouro e o quartinho: a construção desigual das infâncias

Mabel é uma criança negra, filha de Eunice, empregada doméstica, ela é uma personagem que chega ainda criança no ambiente da casa dos patrões D. Lúcia e Seu Tiago e, à medida que vai crescendo, os patrões enxergam nela a extensão de Eunice, ou seja, para eles, ela não era uma criança que deveria viver sua infância, mas sim, uma empregada doméstica, às vezes, uma babá para Camilinha, conforme vejamos:

> Eu vivia ali e já estava, como dizia todo mundo, "grandinha". Óbvio que sobrou para mim ajudar nos cuidados com aquela bebê, pois a casa era gigante e a supereficiente d. Eunice deixava os patrões acharem que não precisavam de mais ninguém. Se pensarmos direitinho, eles estavam certos. Para que gastar com mais empregadas se tinham uma que valia por duas e vinha com uma ajudante grátis? (Cruz, 2022, p. 44).

A filha de Eunice crescia e vivenciava muitos momentos no ambiente confinador dos patrões, morava no quartinho de empregada com a mãe, mas, diferentemente de Eunice, conseguia enxergar as nuances daquela relação empregatícia. Mabel iniciou uma relação amorosa com João Pedro, filho do Jurandir, e, então, engravidou. A sua gravidez a fez pensar em tudo o que ela não desejava viver, a exemplo do que a mãe enfrentava e suportava para dar um sustento para ela, então,

> Eu não queria limpar uma casa que não fosse a minha. Não queria ter de levar uma criança para o trabalho na casa de ninguém. Essa era a minha história, e eu não desejava repeti-la com meus filhos. Aliás, eu não queria filhos! Não queria outra d. Lúcia como patroa nem outra Camilinha para trocar fraldas, dar comida, amor e tempo, e um dia vê-la sujar coisas de propósito, com o consentimento dos pais, só para me ver limpar. Não queria ficar uma semana inteira longe do meu próprio lar para deixar a casa dos outros mais aconchegante e confortável (Cruz, 2022, p. 56).

Então, com catorze anos, Mabel já compreendia que jamais queria perpetuar essa relação submissa que a mãe Eunice enfrentava diariamente, assim, Eliana tensiona uma reflexão da nova geração que vem para romper com cadeia de relação empregatícia. Assim, com a ajuda de D. Lúcia, que observou o corpo de Mabel diferente, constatando que ela estava grávida, resolveu comprar os remédios para que Mabel pudesse abortar e, assim, fizera.

Após o acontecido, Mabel contou para João Pedro que, diante de uma dor não somente pelo aborto, mas por ter entendido, de uma maneira muito dolorosa, que D. Lúcia não fizera porquê gostava de Mabel, pois,

> — A gente não tinha a menor condição, Mabel… nem de grana, nem de cabeça. Você tem catorze anos e eu, dezesseis. Somos pobres demais… Nisso ela tava certa, mas… Olha, esses barões a ui não querem nunca perder duas empregadas pelo preço de uma! Ela não fez isso por você.
> As mãos dele se crisparam, a voz embargou, o rosto enrugou. João envelheceu ali, na minha frente, em segundos, aos dezesseis anos. Chorou copiosamente como eu nunca tinha visto antes. Ele, sempre tão respondão, tão arrogante, chorava de soluçar, e eu não sabia o que fazer. Meu coração se dilacerou ainda mais. Por fim, quando conseguiu se controlar, beijou meus lábios com suavidade, pegou minhas mãos e me olhou fundo, de um jeito terno.
> — Então, gatinha, olho vivo pra não ficar presa nesse alívio e nessa gratidão. Nossos pais, por outros motivos, já estão (Cruz, 2022, p. 68-69).

Observa-se, assim, que os personagens da nova geração têm conhecimento racial de que as ações dos patrões brancos não são ações bondosas a eles, mas sim, uma forma de mantê-los reféns a uma espécie de gratidão, que não há nada que pague, mas sim, que continuem servindo aos seus senhores sempre com presteza e dedicação. Mabel cresce, ciente do seu papel transformador na vida da mãe e com vontade de ocupar espaços que são seus, assim, prioriza libertar sua mãe Eunice daquele quartinho que a tornou refém há tantos anos.

Diante dos acontecimentos, Mabel reflete o espaço doméstico como um local de resistência e luta pela libertação, sempre buscando, em todas as oportunidades, o estudo para que possa, enfim, ascender e contribuir com a libertação de sua mãe de um trabalho análogo à escravidão moderna, a considerar a reprodução de um trabalho doméstico desde a geração de sua avó, D. Codinha. No avançar da vida de Mabel, observamos que ela mantém viva a memória de seus ancestrais e faz com que a sua mãe também os conheça, e, nesse viés, segundo bell hooks, em *Olhares negros: raça e representação* (2019), afirma que:

> A memória sustenta um espírito de resistência. Muitas pessoas negras e indígenas vivem num estado de esquecimento, adotando uma mente colonizada para que possam ser melhor assimilados no mundo branco. Em tal estado, cultivar a solidariedade uns com os outros já não é valorizado (hooks, 2019, p. 281).

Mabel se utiliza dessa memória como resistência em diversos momentos, tanto que ela ensina a sua mãe a ler e, em uma cena, Eunice lê um trecho da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, o que a faz chorar, pois leu o seguinte recorte: "… 2 de novembro. A coisa que eu tenho pavor é de entrar no quartinho onde durmo, porque é muito apertado. Para varrer o quarto preciso desarmar a cama…". (Cruz, 2022, p. 142). Além de Quarto de despejo, Mabel faz leituras de Conceição Evaristo, também leu o livro *Cartas a uma negra*, de Françoise Ega, quando "[...] abriu o livro mais recente em que estava mergulhada, *Cartas a uma negra*, e leu em voz alta: "O problema da faxina é o cheiro da vida dos outros"." (Cruz, 2022, p. 161)

Assim, no decorrer da narrativa, Mabel alfabetiza a sua mãe e busca ascender socialmente com o fito de romper com o trabalho imposto às suas ancestrais, como sua avó e sua mãe. No entanto, mesmo diante de um entendimento de si e de sua vivência dentro do apartamento de luxo dos patrões, Mabel experienciou, durante os anos que morou com a mãe, uma não-infância e essas limitações arquitetônicas, sociais e raciais são ratificadas a partir do cruzamento de sua vida com a vida da criança Camila, filha dos patrões, pois, no capítulo *Quarto do bebê*, constata-se que:

> E se eu crescia, o bebê de d. Lúcia e seu Tiago crescia também. Camila não nasceu em um berço de ouro. Era muito mais. Ela veio ao mundo em um leito de ouro, prata, seda, cravejado de diamantes. As famílias de seu Tiago e de d. Lúcia eram ricas há gerações. As mulheres da família dela tinham problemas para engravidar. Emprenhar, como dizia minha avó, não era algo fácil para as mulheres daquele clã, e Camila era herdeira de uma fortuna.

> Cercavam-na de tantos cuidados que ela aparentava ser feita do mesmo material de um vaso chinês milenar que repousava iluminado em um nicho na sala, fora do alcance de mãos distraídas que não soubessem quantos milhões valia. Para a mãe dela, Camila realmente era uma peça raríssima, um bibelô valioso feito para ser admirado, mas que ninguém não autorizado podia tocar (Cruz, 2022, p. 43).

Assim, a partir dessa passagem, nota-se que, para os patrões D. Lúcia e Seu Tiago, Camila era muito mais do que uma filha, mas sim, um objeto valioso, cercado de cuidados e com um valor inestimável diante daquela família. Na narrativa, observa-se que a riqueza e os privilégios da filha dos patrões tornaram a não-humanidade de Mabel ainda mais discrepante, a considerar tantas divergências, mas, em especial, o espaço físico do quarto de luxo em analogia ao quartinho de empregada em que mãe e filha estavam fadadas a residir.

Para D. Lúcia e Seu Tiago, Mabel deveria cumprir com as funções no que diz respeito ao cuidado com a filha Camilinha, objeto de grande valia, pois, segundo Mabel:

> Eu era muito menina e aquela bebezinha parecia uma das minhas bonecas: branca, rosada e risonha. Aprendi a cuidar dela ao ver minha mãe dando mamadeira, banho, chupeta, comida, remédio, colo, mas… sei lá. Fui deixando as bonecas de lado por causa do bebê Camila. Cuidar de uma criança não parecia mais diversão para mim. Era trabalho… e muito! (Cruz, 2022, p. 43-44).

Diante desse fragmento, entende-se que a criança Mabel prestava serviços análogos a de uma babá ao cuidar da filha dos patrões, demonstrando uma clara reprodução de que os filhos dos empregados estão para exercer funções serviçais aos donos do apartamento e não para que tenham sua individualidade e sua infância respeitadas durante sua vida. Assim, para Eunice e Mabel, os patrões relegaram apenas o quartinho, minúsculo, com banheirinho, piazinha, em que a autora se utilizou do diminutivo para ratificar o pequeno espaço e a pouca chance de humanidade a elas.

Nesse viés, o quarto de empregada destinado à Eunice e sua filha Mabel traz à tona um olhar sobre o período escravocrata, pois essas dinâmicas ainda são mantidas, a considerar que é uma divisão hierárquica dos espaços da casa e, que, embora as empregadas pudessem ter acesso a todos os ambientes para trabalhar, esse acesso era restrito a determinados horários (Teixeira, 2021, p. 40). Nessa divisão hierárquica também se discute o espaço destinado às empregadas, pois

> Em geral, seus quartos, pequenos, se encontravam próximos à cozinha. Quarto e banheiro se conjugavam no que se chamou de dependência de empregada – os famosos quartinhos –, algo ainda muito presente nas plantas de apartamentos e casas pelo Brasil, e nem sempre conformes às próprias normativas legais de salubridade (Teixeira, 2021, p. 40).

Conforme exposto, esses quartinhos são espaços físicos construídos para as empregadas domésticas e, que, na narrativa, Eliana apresenta esse uso também no diminutivo, quartinho, banheirinho, em uma tentativa de reproduzir na escrita a nuance de ser invisível e, de a mulher negra, na função de empregada doméstica, viver às escondidas, numa clara tentativa de apagamento social, sempre submetidas aos interesses e às vontades dos patrões. Para ratificar esse sentimento de se sentir invisível socialmente e no seu ambiente de trabalho, *Eunice*, narradora homodiegética da segunda parte da obra literária, expõe essa sensação:

> Hoje fico com pena do sacrifício que era se tornar invisível. Além dos espaços apertados que ocupávamos, o silêncio era um companheiro. Era preciso estar presente sem estar. Uma boa serviçal é silenciosa, e a criança que é a filha dessa mulher também deve ser. Ela não pode rir como uma criança, não pode pular ou fazer travessuras como uma criança. Ela não é uma criança. É um incômodo, alguém apenas tolerado... [...]. No final eles já estavam acostumados. Já tinham o "dom da invisibilidade". Já sabiam como estar sem deixar ninguém se aperceber de que estavam (Cruz, 2022, p. 97).

A partir do fragmento, é possível compreender o momento em que Eunice se enxerga como serviçal silenciosa, logo, sua filha criança também deveria ser, apresentando *Mabel* como uma criança que não podia ser criança, precisava silenciar. Analisando esse *lar* em que Eunice, Mabel e comum a tantas personagens negras e empregadas domésticas, envolve-nos às discussões de bell hooks ao tensioná-lo, pois, segundo a autora, é importante refletir esse espaço, como um espaço de resistência e de luta pela libertação (hooks, 2019).

Assim, numa dualidade do quartinho de empregada que a criança Mabel residia e em reflexão a todos os não-lugares ocupados por ela, é que se reflete os espaços de privilégios da criança Camila, pois, esta criança era possível vivenciar a infância, como uma criança que brincava e experenciava essa fase da melhor forma possível. No entanto, para os patrões, Mabel, também criança, não era vista dessa forma, mas, como uma miniatura de sua mãe Eunice, haja vista as delegações de funções para essa criança, como babá de Camila, além

de que jamais deveria incomodar os donos da casa, como uma infante silenciosa e invisível dentro do apartamento.

Nesse viés, Eunice e Mabel permaneciam reféns daquele espaço luxuoso e imenso, assim Mabel refletia: “Eu e mamãe continuávamos ali, na gaiola dourada do edifício Golden Plate. Éramos pássaros dentro de um viveiro luxuoso, mas uma jaula deixa de ser a vilã da liberdade só por que é pintada de dourado?” (Cruz, 2022, p. 69) Mabel compreendia as amarras sociais, políticas e raciais dentro do condomínio luxuoso, observava que, além da invisibilidade da mãe, era uma imposição a ela também, uma criança que crescia e entendia que, por meio do estudo, conseguiria ascender e libertar sua mãe daquela situação escravista.

No avançar da narrativa de Mabel, as discrepâncias e as marcas raciais, bem como sociais, foram desnudadas no romance, a citar o capítulo *Janela*, o qual Mabel reflete a liberdade cerceada dentro daquele ambiente confinador dos patrões. Além disso, a filha de Eunice compreende as nuances vivenciadas naquele espaço, pois,

> Foi olhando a belíssima vista do apartamento de cobertura, de pé no deck da piscina que testemunhou o tapa na cara da dignidade da menina Irene, que saí da segunda infância para a adolescência e desta para a juventude e a vida adulta. Crescendo ao meu lado, sempre num estágio anterior ao meu, estava Camilinha. Enquanto eu era criança, ela estava no berço. Quando eu era adolescente, ela fazia travessuras e estudava em uma escola bilíngue. Girando ao redor daquelas vidas estavam as nossas. Eu e mamãe, dois satélites no entorno daqueles planetas. Dividíamos o quartinho, mas, à medida que eu e a filha única daquele casal crescíamos, eu e minha mãe fomos nos distanciando uma da outra e, acredito, de nós mesmas (Cruz, 2022, p. 69-70).

Entre as duas crianças Mabel e Camila, as quais, apesar das diferenças de idade, suas vivências foram marcadas pela dualidade racial e social, pois, para Camilinha, os privilégios raciais e financeiros proporcionaram a ela uma realidade diferente da vivenciada por Mabel, pois, ainda criança, tivera que assumir responsabilidades no apartamento dos patrões juntamente com a sua mãe, Eunice.

Nessa conjuntura de narrar acerca da criança Mabel em analogia à infância vivida por Camilinha, é que o romance de Eliana se utiliza da figura de linguagem chamada de personificação para dar “voz” ao quarto, o qual ratifica as dores e a silêncio que as personagens enfrentaram ao residirem nele por tantos anos. Assim, o *quarto de empregada,* ao ouvir a voz de Eunice, fala:

> Levei um tremendo susto quando ouvi a voz de Eunice na cozinha. Quanto tempo! Minhas paredes tremeram, pois foram muitos anos velando o sono dela e de sua filha Mabel. Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. Sou tão pequeno… mas sei também que consegui abrigá-las como nenhum outro cômodo da casa. Por estar muito consciente disso, a voz de Eunice me encheu de alegria e saudade, mas igualmente de melancolia (Cruz, 2022, p. 139).

O quarto de empregada, intimamente ligado à vida de Eunice e de Mabel, sentira que não se tratava de um cômodo com conforto, de um ambiente propício para uma vida com dignidade, mas sim, uma espécie de solitária, um ambiente confinador e descartável dentro daquela casa com tantos cômodos, com compartimentos extensos e cheios de luxo. De fato, "Eunice e Mabel moravam dentro de mim, mas não eram as donas da casa, e quem era proprietário da casa nunca me habitava. Nem mesmo passava do limiar da porta." (Cruz, 2022, p. 140)

A não-humanidade enfrentada por Eunice e o silenciamento vivido durante a infância de Mabel, que fora uma infância não individualizada nem respeitada, pois, para os patrões e para Camilinha, essas crianças negras, a exemplo de Mabel e dos filhos do porteiro Jurandir não habitavam, não existiam, não mereciam o reconhecimento de humanidade, visto que "[...] são tratadas como invisíveis e dispensáveis." (Cruz, 2022, p. 143)

Assim, Mabel compreende que o ato de estudar é uma insubmissão frente aos direitos não respeitados pelos patrões de sua mãe, além do que é a oportunidade de romper uma geração voltada ao trabalho doméstico pela ausência de uma educação de qualidade, bem como de meios para ingressar no mercado de trabalho de forma digna.

Por isso, Mabel subverte a lógica colonial de que, para os patrões, a filha da empregada deveria crescer e reproduzir o trabalho doméstico da mãe, o que se confirma tal pensamento colonial e a reprodução de que nossas crianças negras devem ser inseridas no mercado de trabalho ainda na infância, conforme ratifica Lélia Gonzalez ao preceituar que "nossas crianças aderem à força de trabalho muito cedo, devido às condições de pobreza e miséria em que a grande maioria da população negra vive. Seu trabalho, que se inicia na idade de oito a nove anos, contribui para os baixos rendimentos familiares" (2020, p. 146)

Mabel, personagem central da narrativa *Solitária,* é uma criança que cresce e subverte a lógica colonial ao romper com tais estereótipos sociais e raciais, bem como a reprodução de uma família negra que perpetua o trabalho doméstico de geração em geração. Assim, ainda criança, mesmo diante dos silenciamentos enfrentados naquele espaço

confinador dos patrões, Mabel decide romper e busca ascender socialmente por meio do estudo, transformando o apagamento e o silêncio do quartinho de empregada em uma iniciativa para atingir metas em busca de uma ascensão social digna.

Então, mesmo com todo os esforços para que o contrário acontecesse, Mabel consegue ingressar na universidade e no curso dos seus sonhos, Medicina, rompe com os patrões fechando a porta do apartamento que nunca mais fora aberta por ela, além disso, a sua aprovação também rompe com estereótipos de personagens negros como trabalhadores domésticos, nas mais variadas funções, babá, porteiro, etc. Assim, segundo Cuti (2010):

> A população negra no Brasil é pouco representada fora dos quadros da pobreza, pois seu processo de ascensão social é invisibilizado pela ideologia racista. Se este for constatado, ficam abalados os preconceitos que fazem crer em inferioridade racial. Assim, a busca de verossimilhança pode, enveredando pelo preconceito racial, focar tão somente negros entre os pobres e só entre eles conceber a possibilidade de representação literária, como se a mobilidade social não existisse ou significasse o desaparecimento do negro enquanto tal. Daí o leque socioestamental para a literatura negro-brasileira ser amplo e não reducionista. Negros há em todas as camadas sociais e assim devem ser representados (Cuti, 2010, p. 38).

Eliana, ao narrar a vida de Mabel, como uma criança negra que ascende por meio da profissão dos sonhos, corrobora com a discussão de Cuti ao trazer a perspectiva de que personagens negros devem estar representados em todas as camadas sociais, contrariando os estereótipos, Mabel, por ser criança negra, teria que ou falecer ou perpetuar o trabalho doméstico, no entanto, Eliana surge com a personagem negra que rompe barreiras raciais, sociais e misóginas, tensionando a discussão sobre os espaços que são seus e que devem ser ocupados por pessoas negras.

Dessa forma, Mabel se configura como a personagem que materializa a ruptura geracional com a lógica colonial que historicamente aprisiona mulheres negras ao trabalho doméstico e à servidão afetiva. Assim, ao contrário de Eunice, personagem que não tivera escolhas, Mabel constrói, ainda muito jovem, uma consciência racial, social e política que a impede de naturalizar a subalternização vivenciada por sua mãe.

Dito isso, a sua recusa em repetir a história do trabalho doméstico, bem como sua crítica à lógica da gratidão imposta pelos patrões e sua insistência na educação como projeto de libertação revelam uma personagem que compreende o racismo estrutural não apenas como opressão individual, mas como sistema que organiza espaços, afetos e destinos. Assim,

Mabel tensiona uma subjetividade negra insurgente, que rompe com o ciclo da exploração ao reivindicar para si e para sua mãe o direito à escolha, à palavra e à ocupação de espaços historicamente negados.

Nessa conjuntura, a criança negra, que cresce em um quartinho de empregada frente ao berço de ouro de uma criança branca, ascende a partir do reconhecimento de que um ambiente sempre às escondidas e relegado ao silêncio para não incomodar os patrões é, sobretudo, um ambiente de resistência e de insubmissão. Assim, mesmo diante da discrepância social e racial vivenciada na infância por Camilinha e Mabel, a filha de Eunice decide romper, romper o silêncio e as amarras de uma colonialidade moderna que destina às mulheres negras somente o trabalho doméstico como opção.

Por fim, a narrativa de Mabel evidencia que a emancipação não se dá pelo apagamento da ancestralidade, mas, ao contrário, pela reinscrição da memória como força de resistência. Dito isso, ao ensinar Eunice a ler, inclusive, por meio de autoras negras e ao resgatar saberes ancestrais, como o uso das plantas medicinais, Mabel reconstrói um vínculo entre passado e futuro que se opõe à lógica colonial do esquecimento.

Portanto, o deslocamento simbólico do quartinho de empregada para o consultório médico não representa apenas ascensão social, mas a reconfiguração do espaço doméstico como lugar de consciência, luta e transformação. Nesse sentido, Mabel encerra o romance como a personagem que articula memória, educação e denúncia, demonstrando que romper com os espaços confinadores do trabalho doméstico implica, também, romper com o silêncio, com a gratidão compulsória e com a naturalização da desigualdade racial vivenciadas no apartamento de luxo dos patrões, sobretudo, a partir de uma infância perdida, em que Mabel não fora entendida como uma criança, mas sim, como uma extensão de sua mãe, empregada doméstica.

Considerações Finais

No decorrer dessa pesquisa, tensionamos, então, como a obra literária *Solitária* (2022), escrita por Eliana Alves Cruz, autora negra, emerge na contemporaneidade para refletir espaços relegados à mulher negra na sociedade, sobretudo, à infância negra, como refletido a partir da criança Mabel, filha de Eunice, que é empregada doméstica no apartamento de luxo dos patrões brancos. Assim, tal vivência reflete como o trabalho

doméstico, que é, muitas vezes, um trabalho de geração para geração, reflete uma prática que é herança de um período escravista.

Dito isso, refletimos questões teóricas e metodológicas sobre a importância de vozes negras femininas, a exemplo de Conceição Evaristo, cujo conceito de *Escrevivência* é fundamental para a análise da discussão presente no enredo da criança negra Mabel, haja vista o ímpeto da escrita narrativa a partir da vivência de pessoas negras.

Desse modo, buscamos atingir o objetivo geral, qual seja investigar como as narrativas infantis em *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz, funcionam como dispositivos críticos que evidenciam a permanência da colonialidade nas relações sociais e espaciais marcadas pela desigualdade social no Brasil, por isso, compreendemos a importância da decolonialidade no que diz respeito ao rompimento com a matriz colonial que impõe e segrega o *Outro* a espaços confinadores, a citar crianças negras que são, muitas vezes, relegadas ao trabalho doméstico como uma prática trabalhista perpetuada de geração em geração.

Nessa conjuntura, a personagem Mabel é escrita como uma criança que, embora invisível na casa dos patrões, é uma criança que (re)existe naquele espaço, tornando-o a casa e o quartinho não como uma moradia, mas como um espaço de resistência. Assim, compreendemos como Mabel subverte a lógica decolonial de que a filha da empregada doméstica deveria seguir os caminhos da mãe, o que ainda acontece na não-infância, Mabel surge como uma ajudante, no entanto, observamos, no decorrer da pesquisa, que ela rompe com as amarras de uma servidão que deixou sua avó, D. Codinha, bem como a sua mãe, Eunice, submissas ao trabalho doméstico.

Dito isso, entendemos que, num viés de contracolonização (Santos, 2023), Mabel finalmente consegue romper o laço que deixa sua mãe refém, ascende socialmente por meio do ingresso no curso de Medicina, um curso dito elitizado, em que, na sua maioria, é ocupado por pessoas brancas e ricas, no entanto, Mabel, compreendendo o espaço confinador e de apagamento social o qual vivenciara junto com a sua mãe, decide que o estudo será a oportunidade de romper as amarras de um espaço que só as permita a partir de sua funcionalidade, pois, para os patrões, as trabalhadoras domésticas deveriam permanecer silenciosas, ou seja, só estavam permitidas no apartamento à medida de sua utilidade, não as enxergando como sujeitos de personalidade e de humanidade.

Portanto, em *Solitária*, Eliana propõe discutir personagens crianças negras e os espaços que tendem a ocupar, no entanto, na narrativa, busca-se proporcionar às suas

personagens negras a ascensão social, as conquistas e a representatividade em todos os espaços, especialmente a partir de um olhar de resistência diante de um espaço confinador que a criança negra (re)existe.

Além disso, é possível compreender que, para a criança Mabel, o quartinho era apenas um local de descanso, vigiado, sempre com a permanência de servir, como uma espécie de apagamento de suas individualidades e confinador de seus corpos. E que, para a criança Camilinha, nascida em berço de ouro, as oportunidades e os privilégios de ascensão já nasceram com ela.

Nesse viés, entendemos como a personagem Mabel pode desmontar a lógica colonial a partir da ascensão social, desestabilizando, assim, hierarquias raciais, de classe e de gênero, bem como rompendo estereótipos sociais e profissionais a partir da subversão de contranarrativas literárias contemporâneas. Desse modo, sua trajetória evidencia a possibilidade de reexistência negra por meio da educação, da consciência racial e da ocupação de espaços historicamente negados à população negra.

Assim, apesar de o romance *Solitária* não se relacionar diretamente à literatura infantojuvenil, Eliana Alves Cruz, autora negra contemporânea, traz para a discussão personagens crianças, como Mabel e Camilinha, a fim de que discussões potentes como essas possam surgir, haja vista que a escrita de Eliana é forte, potente e representativa e contribui para refletir como crianças negras são, muitas vezes, apresentadas a partir de uma infância renegada, por isso, a obra literária é uma forma de romper estereótipos e de alcançar leitores conscientes e politizados acerca do racismo que acomete mulheres negras no Brasil, sobretudo, crianças negras, em um ambiente do trabalho doméstico.

Referências

BENTO, Cida. *O Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COSTA, Larissa de Menezes. *A representação das empregadas domésticas em Solitária, de Eliana Alves Cruz, sob a ótica epistemológica negra e decolonial*. 2026. 156 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras - Campus Bacabal) - Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2026.

CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de minha escrita*. *In:* ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. *In:* EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Tradução de Bhuvi Libanio. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.

hooks, bell. *Anseios*: raça, gênero e políticas culturais. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras*: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TEIXEIRA, Juliana. *Trabalho Doméstico*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.